

Extrema-direita vale mais de um milhão de votos em Portugal

Pedro Araújo, editor-executivo-adjunto do Jornal de Notícias

O Partido Socialista (PS) perdeu a maioria absoluta ao fim de oito anos no poder e reconheceu a vitória, ainda que tangencial, da Aliança Democrática (AD), coligação composta pelos sociais-democratas do PSD, os centristas do CDS de inspiração democrata-cristã e os monárquicos do PPM. A grande surpresa foi o resultado de um partido de extrema-direita que só surgiu no panorama político português em 2019. Mais de um milhão de portugueses votou no Chega nas legislativas de 2024. O país está dividido em três: a esquerda moderada do PS, a direita centrista da AD e o populismo de direita representado pelo Chega.

Luís Montenegro, líder do PSD e da coligação AD, assumiu a vitória e prometeu um diálogo intenso com outras forças políticas. Uma aliança com o Chega daria maioria absoluta, mas esse cenário foi sempre recusado pelos sociais-democratas, apesar da disponibilidade manifestada quase todos os dias por André Ventura, líder dessa formação partidária extremista. O próprio presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, já tinha dado a entender, em diversas ocasiões, de forma indireta e discreta, que nunca daria posse a um executivo que integrasse o Chega. Resta à AD, que já é em si própria uma coligação de partidos, aliar-se à Iniciativa Liberal (IL), o que só somaria oito deputados aos 79 que já conquistou nas urnas, número insuficiente para garantir a estabilidade no Parlamento.

Resultados finais ainda sem a distribuição dos quatro deputados eleitos pelos círculos eleitorais da Europa e da Fora da Europa:

AD: 29,49%; 79 deputados

PS: 28,63%; 77 deputados

Chega: 18,06%; 48 deputados

Iniciativa Liberal: 5,08%; 8 deputados

Bloco de Esquerda: 4,46%; 5 deputados

CDU: 3,30%; 4 deputados

Livre: 3,26%; 4 deputados

PAN: 1,63%; 1 deputado

Apesar de ainda faltar a eleição de quatro deputados pelos círculos eleitorais fora de Portugal, Pedro Nuno Santos, recém-eleito líder do PS, preferiu não esperar uma semana para reconhecer a derrota, uma vez que a maioria dos eleitores emigrados costuma votar mais à direita. No cenário atual, a magra vantagem de dois deputados alcançada pela AD no país poderia, em teoria, ser ultrapassada com esses votos vindos de fora, mas a probabilidade de tal acontecer é praticamente nula. Pedro Nuno Santos resolveu enterrar o assunto e assumir-se como líder da oposição.

A abstenção ficou-se pelos 34%, valor mais baixo dos últimos 19 anos. No entanto, essa participação adicional dos portugueses na escolha do futuro governo acabou por premiar o terceiro maior partido, o Chega, e algumas das pequenas formações políticas. O Livre, partido da esquerda europeísta e ecologista, passou de um deputado, eleito em 2022, para quatro, igualando os comunistas representados pela coligação CDU (PCP e uma formação ecologista), que perdeu cerca de 35 mil votos no espaço de dois anos. O Bloco de Esquerda (BE), partido que a par dos comunistas foi essencial à manutenção dos socialistas no poder entre 2015 e 2019 (governo minoritário), cristalizou (resultado eleitoral diminuiu 0,1 pontos percentuais face a 2022).

No médio e longo prazo, a questão mais curiosa prende-se com o Chega. Vai aprovar o Orçamento do Estado para 2025? Vai avançar com moções de censura a um governo AD que persistirá em fechar-lhe a porta a qualquer tipo de entendimento, mesmo que fosse só de incidência parlamentar? Os 48 deputados eleitos pela extrema-direita vão produzir muito ruído no panorama político português. Carente de quadros políticos credíveis, o partido de André Ventura captou ex-deputados de outros partidos, sobretudo do PSD. No entanto, esse recrutamento acelerado após a dissolução da Assembleia da República, no início deste ano, não foi suficiente para colmatar a fraca qualidade dos seus militantes e simpatizantes.

O partido de André Ventura só nasceu em 2019 e poderemos estar a assistir ao seu limite máximo de crescimento. O Chega soube capitalizar o descontentamento dos portugueses com a austeridade imposta pela troika após a bancarrota que esteve iminente em 2011. As medidas tomadas até 2014 causaram alguns danos e traumas que perduraram no tempo. Depois disso e até ao momento presente, os casos de corrupção que afetaram os partidos tradicionais (PS e PSD) criaram o ambiente ideal para que um partido de extrema-direita singrasse. O último governo caiu, precisamente, por suspeitas de corrupção de altos quadros socialistas.

Na noite eleitoral, António Costa, ainda líder do governo socialista que perdeu a maioria absoluta e será oposição, colocava uma questão interessante: quantos dos votos no Chega resultam de uma mudança estrutural da sociedade portuguesa e quantos foram motivados por um sentimento de revolta e protesto contra o PS? As más políticas e os casos de alegada corrupção inflacionaram a votação na extrema-direita?

André Ventura, animado pela votação chegou a dizer que nunca uma terceira força política em Portugal tinha conseguido este crescimento. De 12 deputados passaram para 48. No entanto, a história da democracia portuguesa mostra que em 1985 o Partido Renovador Democrático (PRD), criado em 1985, passou nesse mesmo ano de zero para 45 deputados, tendo alcançado mais de um milhão de votos, tal como o Chega em 2024. Em 1991, já estava fora do Parlamento, sendo extinto no início da década seguinte. O PRD nasceu em torno de simpatizantes de Ramalho Eanes, que foi presidente da República entre 1976 e 1986, e que chegou a liderar o partido em 1987. Eanes, um político de esquerda moderada, em nada se comparava com André Ventura, quer na personalidade quer na ideologia. Ora, o PRD nasceu precisamente em protesto contra as políticas de austeridade impostas por um invulgar governo de bloco central PS-PSD (1983-1985), acabando por se revelar um fenómeno efémero.